

RESUMO

META

Apresentar o resumo e suas particularidades enquanto gênero textual;
Mostrar procedimentos adequados à elaboração de resumos;
Propor atividades de produção de resumos.

OBJETIVOS

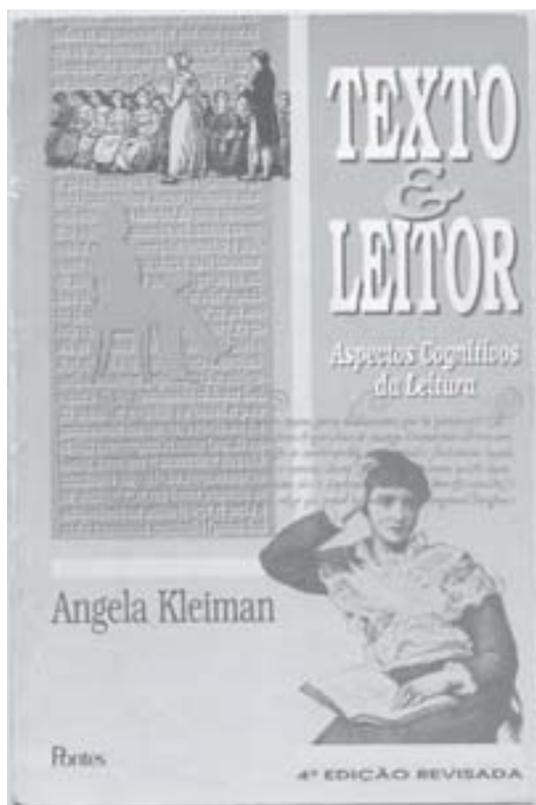
Ao final desta aula, o aluno deverá:
utilizar alguns procedimentos próprios da produção de resumo na sua produção de textos.

PRÉ-REQUISITOS

Conhecimento sobre tipos textuais e sequências, domínio de estratégias de coesão. Conhecimento da norma de referência ABNT.

INTRODUÇÃO

O resumo , assim como os demais textos que circulam no ambiente acadêmico, universidades, congressos, encontros de pesquisadores, tem sua estrutura e formato regidos pela ABNT. A norma específica do resumo é a norma NBR 6028:2003 que define resumo como “ apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento” (Associação...2003 a, p.1). Toda comunicação científica tem utilidade clara. O resumo abrevia o tempo do pesquisador e difunde informações de tal modo que possam influenciar e estimular a consulta do texto completo.



RESUMO

Neste capítulo apresentamos algumas considerações sobre o caráter interacional da leitura, que pressupõe a figura do autor presente do texto através das marcas formais que atuam como pistas para a reconstrução do caminho que ele percorre durante a produção do texto. A capacidade de análise das pistas formais para uma síntese posterior que defina uma postura do autor é considerada essencial à compreensão do texto. A reconstrução de uma intenção argumentativa é considerada ainda como um pré-requisito para o posicionamento crítico do leitor frente ao texto.

Resumo de um capítulo do livro Texto e leitor de Angela Kleiman

Quanto à apresentação gráfica, o resumo acadêmico deve ser antecedido pela referência do documento resumido, de acordo com o NBR 6023.

Exemplo: WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da lingüística.** São Paulo : Parábola Editorial, 2002.

Também deve ser seguido de palavra-chave, antecedidas da expressão “palavra-chave”, sendo que estas devem ser separadas entre si por ponto e também finalizada por ponto. O mais usual é a indicação de 3 a 6 palavras-chave.

Quando o resumo acompanha o próprio documento não se faz necessária a referência, como é o caso do resumo que acompanha o artigo científico, também chamado de *Abstract*.

Vejamos os aspectos da apresentação gráfica no resumo *A mídia e o discurso sobre a preguiça*, publicado pela Revista Humanitas, Campinas, 4(2): 27-40, ago./dez, 2001.

Texto 1

RESUMO

Com interesse em colocar produtos exóticos e atraentes no mercado de bens simbólicos, a indústria do turismo e da festa apropriou-se de símbolos da cultura afro-descendente e tem divulgado a Bahia como um lugar de permanente festa, contribuindo para a construção do estereótipo da preguiça baiana. A mídia referendou e deu aval para que essa banalização simbólica pudesse se efetivar, legitimando a idéia de que a Bahia é um espaço do não-trabalho, da indolência e de um permanente estado de alegria. Isso sugere uma reflexão não apenas sobre os interesses subjacentes a esses discursos midiáticos como também em relação ao preparo de seus profissionais no tocante à dinâmica cultural das sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: preguiça, mediação simbólica, turismo, banalização simbólica, preguiça baiana, baiano.

Em sua elaboração devem-se destacar, quanto ao conteúdo do texto resumido: o assunto central do texto; a categoria do estudo ao qual se refere o texto (um estudo de caso, um estudo experimental, etc); o objetivo do texto; a articulação das principais idéias; as principais conclusões do autor do texto; o método empregado na pesquisa; os principais resultados. Observe estas características no resumo que faz parte da dissertação de mestrado em Agrossistemas da UFS cujo título é *Programa Fome Zero: continuidade e mudanças espaço rural sergipano* de Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues.

RESUMO

RODRIGUES, Raquel Fernandes de Araújo Rodrigues. **Programa Fome Zero: continuidades e mudanças espaço rural sergipano**. UFS, 2005. 88p. (Dissertação, Mestrado em Agroecossistemas).

O acirramento das desigualdades sociais no meio rural ocasionou o aumento do número de famílias em situação de insegurança alimentar e culminou com o surgimento e pressões dos movimentos sociais. Na tentativa de reverter este quadro, a partir de 1990, o Estado buscou a adoção de mecanismos para redefinir a articulação entre o desenvolvimento social e o econômico. Contudo, a falta de continuidade e transversalidade entre as políticas de caráter emergencial, a curto prazo, e as de caráter estruturantes, a longo prazo, bem como a ausência de intersetorialidade entre as instituições envolvidas, resultaram numa lacuna que impossibilitou a eficácia dessas políticas no combate à fome e pobreza. Por estabelecer mecanismos de gestão visando ao preenchimento dessa lacuna, o Governo Federal apresentou o Programa Fome Zero (PFZ) como uma política nacional de segurança alimentar. Este trabalho trata das continuidades e mudanças após a implantação do PFZ no espaço rural dos povoados Sítio Alto e Lagoa Seca, localizados no município de Simão Dias (SE). O objetivo geral da pesquisa foi avaliar as políticas públicas sociais de transferência direta de renda implementadas no meio rural do Brasil, desde o ano 2002, até o segundo ano de atuação do PFZ (2004). Os elementos necessários para esta avaliação foram obtidos por meio de alguns procedimentos metodológicos: estudos de caso, observações e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com os diferentes atores envolvidos com o PFZ (agricultores familiares, extensionistas, técnicos de secretarias municipais, professores e agentes de saúde). As análises qualitativa e quantitativa das informações permitem afirmar que o PFZ interferiu na melhoria da qualidade de vida da população, por meio dos repasses financeiros do Bolsa-Família. Entretanto, as políticas de caráter estruturante foram consideradas insipientes no que se refere à melhoria da qualidade dos alimentos produzidos e da infra-estrutura dos estabelecimentos, à garantia da sustentabilidade dos agroecossistemas e à autonomia financeira para as famílias beneficiárias, por meio de políticas de ampliação do acesso à terra, trabalho e alternativas de fontes de renda.

Palavras-chave:

Programa Fome Zero, Agricultura Familiar, Segurança Alimentar

Estas características são normalmente exigidas para os resumos que acompanham as dissertações de mestrado ou teses de doutorado. Observe que o resumo anterior introduz um artigo científico. Veja que este gênero tem o importante papel de fornecer ao leitor as informações essenciais para que ele se situe diante do que pode ser lido.

Para a redação de um bom resumo é necessário assinalar que não se deve apresentar juízos de valor quanto ao seu conteúdo, nem críticas favoráveis ou desfavoráveis. O resumo deve ser compreensível por si mesmo, isto é, dispensar a consulta do texto original. Deve-se atentar ainda para os seguintes pontos:

Quanto a linguagem a ser utilizada no resumo, alguns autores sugerem que as frases devam ser compostas com verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular. Lembre-se da impessoalidade tão cultivada nesse tipo de produção. Outra recomendação dos manuais é evitar repetições de frases inteiras do original.

Há, no entanto, um aspecto fundamental na elaboração do resumo que deve ser aprendida: sumarização. A sumarização é um processo men-

tal essencial na produção de resumos. Ele envolve procedimentos como o apagamento de elementos redundantes ou não relevantes (supressão de adjetivos e advérbios) e a generalização das idéias do texto (registros e informações de ordem geral), a seleção das idéias principais, a construção de uma síntese integradora das várias idéias expostas no texto. *A sumarização é um processo que envolve atividades de síntese de análise e recombinação organizada.* Elaborar sínteses, depreender e representar o plano geral do texto a ser resumido são atividades elementares na sumarização.

Vamos ver primeiro a alguma regras para elaboração de sínteses:

Segundo Serafini (1986, p. 149), as regras de elaboração de sínteses compreendem estratégias de supressão de informações, de generalização, de seleção e de construção.

Vejam o exemplo (apagamento):

Os estereótipos tanto podem ser positivos quanto negativos; tanto podem valorizar quanto depreciar as pessoas. Se um estereótipo é positivo ou negativo, isto depende da categoria social que o adota. (NOVA, 1995)

Apagando as informações secundárias temos:

Os estereótipos tanto podem ser positivos quanto negativos, dependendo da categoria social que os adota.

Observe agora outra estratégia que elimina informações secundárias e mantém as idéias principais. (seleção):

A leitura é atividade intelectual que exige, para a realização adequada, alguns procedimentos, como seleção de material, cuidado para que a unidade delimitada compreenda uma totalidade e não mero fragmento, contexto, ideologia.

Selecionando alguns elementos temos:

A leitura exige procedimentos como seleção e delimitação de uma totalidade e [que não seja feita a partir de um] fragmento [destituído do contexto].

Finalmente, há a construção de uma nova frase (paráfrase), respeitando-se as idéias do texto original. Tomando o texto apresentado, tem-se como resultado:

A seleção e a delimitação de um texto são procedimentos de leitura que devem levar em consideração o contexto.

O PLANO GERAL DA OBRA

O gênero resumo possui um tipo de redação informativo-referencial que se ocupa de reduzir um texto a suas idéias principais. Muitos autores caracterizam o gênero como uma paráfrase que engloba duas fases: a compreensão do texto e a elaboração de um novo. A compreensão implica análise do texto e checagem das informações colhidas com aquilo que já se conhece. A compreensão das idéias do texto deriva de dois métodos distintos: o analítico e o comparativo.

O método analítico recomenda atenção com as estratégias de coesão e com os marcadores de tópicos (logo, por isso, por conseguinte, em conclusão, em primeiro lugar, em segundo lugar, de um lado, de outro) deve portanto, o leitor ocupar-se da inter-relação das idéias, sobre como elas se articulam no texto: por oposição (contraste)?, por semelhança? Por enumeração? por causa e consequência? Segundo o mesmo método, o resumo deve refletir as idéias do texto original.

Já o método comparativo ocupa sua atenção com a estrutura geral do texto e com as informações que respondem às expectativas que o texto criou no leitor.

A ABNT categoriza os resumos em três tipos:

Resumo indicativo - indica apenas os pontos principais de um documento, não dispensa a leitura integral do texto original. Refere-se apenas às partes mais importantes do texto.

Exemplo: **BAGNO, Marcos.** *Preconceito Lingüístico: o que é e como se faz.* São Paulo: editora Loyola, 2000. O autor mostra que o preconceito lingüístico está presente no nosso dia-a-dia principalmente na cultura escolar. Bagno se vale dos mitos que alimentam o preconceito lingüístico para mostrar que a variação é uma característica essencial das línguas naturais e finalmente mostrar que o preconceito lingüístico é mantido pelas relações de poder presentes na sociedade que por sua vez se refletem na produção da linguagem.

Resumo informativo ou analítico – deve apresentar, de modo mais completo, o objetivo do texto, o método e as técnicas adotados na pesquisa, os resultados e as principais conclusões de um documento, portanto pode dispensar a leitura integral e imediata do original para a identificação do seu conteúdo temático. Evitam-se comentários pessoais e juízos de valor. Observe que se você for fazer o resumo de um trabalho científico, certamente você deverá indicar o método e as técnicas utilizadas na pesquisa, como você pôde observar no exemplo anterior do resumo que segue a dissertação de mestrado. No entanto, se você for fazer um resumo de um

artigo, você deverá se concentrar no plano geral da obra. É este modelo que nós vamos apresentar agora.

Vejamos como isso acontece no resumo do excerto do texto a seguir:

MÔNICA, Maria Filomena. O dia em que Cesário Verde morreu. (excerto). In: LOPES, Rita de Sousa. Para uma leitura de Cesário Verde. Lisboa: Editora Presença, 2000.

[...] Em 1886, já tinham sido introduzidas em Lisboa algumas das inovações que facilitavam a vida urbana: em 1848, tinham aparecido os primeiros candeeiros a gás e, em 1878, haviam sido instalados, no Chiado, seis candeeiros elétricos. Não se pense, contudo que esses melhoramentos se propagaram rapidamente. Grande parte das ruas da cidade era de terra, malcheirosas e escuras. A muitas das suas vielas e escadinhas, a civilização não chegara. A 18 de Julho, um grupo de habitantes de Alfazema pedia insistentemente à Câmara de Lisboa que mandasse regar as ruas do bairro, pois o vento estava a levantar enormes ondas de poeira, que invadiam casas e lojas.

Nos bairros antigos, a higiene era deplorável. Com traseiras, pátios e quintais apinhados de galinhas, coelhos e porcos, as casas estavam infestadas de parasitas. Apesar de a recente captação do rio Alviela ter permitido instalar uma rede de distribuição de água e domicílio, o benefício chegava a poucas casas. Nos mercados, as condições sanitárias eram péssimas, fazendo com que muito dos gêneros consumidos pela classe popular estivessem estragados. Os fiscais tentavam pôr cobro a situação, mas não chegavam para as encomendas. No mercado central, a 17 de julho, tinham sido inutilizadas, como impróprias para consumo, 81 pescadas, 76 peixes-espadas e 1200 carapaus : era uma gota no oceano. Com os seus pregões e cheiros, gritos e correrias, a vida nestes bairros era animada. Até certo ponto, o bairro reproduzia a aldeia originária, com as suas redes de lealdade e rivalidades. Muita gente nascia e morria ali, sem ter saído dos seus limites estreitos: era ali que se trabalhava, namorava e se zangava. Como em todos os universos fechados, as brigas eram freqüentes, assumindo por vezes um caráter violento. A 18 de julho, um casal da Mouraria fora atacado, na cama, por uma vizinha que bandido um garfo os feriu de tal forma que tiveram que ser conduzido ao Hospital São José. Um pouco acima, António Martins socava barbaramente a sua amante Maria Engrácia; noutro ponto da cidade, José Dias da Silva era preso por arremessar a amante, Ana de Jesus, uma bilha que lhe despedaçou a cara. Certas zonas da cidade, depois do sol posto, Alfama, a Mouraria ou o Bairro Alto, eram particularmente perigosas. O policiamento era ineficaz. Só os criminosos mais azarentos, como o Bexiga, acabavam presos.

O povo de Lisboa era uma amálgama muito particular. Juntava gente variada, do operário fabril ao descarregador, da criada ao artesão, do pequeno funcionário ao caixeiro. Formavam a massa dos “pequenos”, da “ralé”, da “canalha”, que ganhava o pão com o suor do seu rosto. Se entre o pequeno legista e o operário havia um mundo de diferenças, estas tendiam a esbater-se quando os poderosos entravam em cena. Era contra os da “alta” que os “pequenos” se definiam.

Cidade portuária, a zona ribeirinha era uma das mais activas de Lisboa. Pelas docas de Alcântara, lhe chegava o carvão que consumia nas suas fábricas; pela de Santos, as mercadorias coloniais; pela do cais de Sodré, os melões e o vinho de Almerim, o trigo de Alentejo, as melancias de Setúbal, o peixe que abastecia a cidade. Fragateiros, varinas e descarregadores povoavam este cenário luminoso e febril. Todos os dias atracavam grandes navios transatlânticos, despejando e recolhendo mercadorias. No sábado, o movimento da alfândega fora, como de costume, intenso: para o Maranhão, seguira no Bragança, um carregamento de feijão; para Hamburgo, no Davis, 171 fardos de cortiça; para Liverpool, no Ter, 147 caixas de maçãs, 630 caixas de cebola e 17 caixas de tomates; para Bordeaux, no Mokla, 226 caixas de sardinhas. De Newcastle, a bordo do Catarino Richard, chegara um grande carregamento de carvão.

Os contrastes entre ricos e pobres eram enormes. É verdade que os milionários portugueses eram patéticos quando comparado com os seus parceiros europeus, mas em face da miséria indígena qualquer ser com um mínimo de sensibilidade se chocaria. Para muitos, os pobres faziam parte da ordem do Universo, e a injustiça social de que eram vítimas era tão natural como o fato de um sobreiro não ter nascido um pinheiro, como mais tarde escreveria Fernando Pessoa. Os miseráveis eram objectos que Deus colocara no caminho do rico para que estes pudessem exercer a caridade, nas festas e nos bazares variados, como o que, na véspera, tivera lugar no passeio da Estrela, durante o qual as senhoras da Lapa leiloaram entre si os despojos oferecidos.

Mas não havia caridade que bastasse para este caudal imenso de costureiras pálidas e tísicas, artesãos desempregados de olhar rebelde, vendedeiras esmagadas pelo peso da carga, velhas abandonadas que falavam sozinhas, coxos, cegos e manetas. Nesse verão de 1886, os albergues nocturnos abarrotavam de gente suja e esfarrapada que, aos milhares, ali ia em busca de uma sopa e de um exerga. Os jornais transmitem os gritos dos que viviam aflições: a Assunção da Glória, viúva, moradora na Trav. De S. João de Deus, apelava ao público para que lhe desse qualquer coisinha, pois não tinha família que lhe valesse; a Amália Vidal, moradora na Rua da Mouraria, pedia a uma alma caridosa que lhe pagasse o quarto escuro donde estava em risco de ser despejada. Havia outros recursos, mas eram

mais arriscados: nesse dia, o marítimo José Maria fora preso, por ter roubado dois gozares do mercado da 24 de Julho.

Os trabalhadores ganhavam salários irrisórios e estavam sempre a beira do desemprego. Alimentavam-se, ano após ano, a pão, sopa e batatas, uma ementa insuficiente que ajuda a explicar as altíssimas taxas de mortalidade de Lisboa e do Porto. As doenças que mais mortes causavam eram a tuberculose pulmonar e as pneumonias. Havia quem não agüentasse esperar: Luisa, criada de servir, atirava-se, na tarde de 18 de julho, de um terceiro andar na Rua do Oiro para a rua após ter sido despedida; o cozinheiro Candido da Silva lançava-se ao Tejo.

As condições de trabalho eram atrozes: a duração do dia de trabalho era longuíssima e a segurança nas oficinas inexistentes. Todos os dias se verificavam acidentes: fiandeiras que ficavam sem dedos, pedreiros que caíam de andaimes, videiros que arruinavam os pulmões, mineiros que ficavam soterrados. A 18 de Julho, quando trabalhava na construção de uma linha de caminho-de-ferro, Sebastião Pereira, de 30 anos, fora subitamente esmagado por um penedo que se soltara, enquanto Manoel de Ó caía de uma tábuia durante um descarregamento no cais. Perante este espetáculo, até os mais acérrimos defensores do liberalismo foram forçados a vergar. A idéia de que o Estado tinha que intervir para proteger os mais fracos foi-se espalhando.

O nível cultural da população era baixíssimo: oito em cada dez portugueses não sabia ler nem escrever, situação que na Europa só encontrava paralelo nos mais remotos cantos do Império Austro-Hungáro. Apesar da retórica, o regime não tinha sido capaz de melhorar a instrução do povo.

[...] No meio de todas essas desgraças, os ricos gozavam imperturbavelmente os frutos da terra. Os contratos com o Estado, as grandes companhias monopolistas, os “negócios” tinham gerado os famosos “barões” da Regeneração, os “novos ricos” de quem surdamente toda a gente sentia inveja. Existia também uma camada de burgueses com tradições, ricos e cultos, muitos deles estrangeirados [...]. [Havia ainda] uma velha aristocracia “caquética e caturra”, como Eça de Queirós lhe chamava, ciosa de seus pergaminhos, mas minada nos seus fundamentos pela abolição dos morgadios. Estes aristocratas levavam geralmente uma vida recatada, apenas entrecortada por bailes diplomáticos ou recepções no Paço. Viviam em palácios decreptos, paredes meias com os pobres que, em momentos de magnanimidade, gostavam de proteger.

A volta do rei, uma pequena corte de amigos e dependentes partilhavam rotinas e hábitos. No verão, seguiam para Sintra, Cascais, ou Mafra. A família real passava essa semana de julho em Sintra. Depois de ter ouvido a missa dominical na capela real, durante a qual se tocara a polka que o mestre de musica de Caçadores 2 compusera em honra da recém chegada

noiva do príncipe herdeiro, decidira partir para Maфра: estavam todos ansiosos pela caçada planejada para o dia seguinte na Real Tapada, durante a qual a princesa D. Maria Amélia de Orleans se destacaria, ao matar três dos nove veados nesse dia abatidos.

O centro de todo este mundo era o S. Carlos. Era aqui que os ricos faziam os seus casamentos, conspiravam, mostravam as toilettes vindas de Paris. Além deste convívio familiar, havia o recém fundado clube, O Turf, onde os homens iam jogar e discutir política. Mas nesse domingo de verão, ambos estavam desertos: o S. Carlos fechara as suas portas por alguns meses e os membros do Turf estavam quase todos fora da capital. No princípio de julho começara a debandada dos ricos: ficar em Lisboa era o cumulo da ignomínia social. Os mais invejados eram os que partiam para o estrangeiro. A 18 de julho o movimento dos carros de aluguer era intenso nas estações de caminho-de-ferro, levando e trazendo os que chegavam de “Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!”. [...] O interesse por toda essa movimentação estival era tal que nas Novidades existia mesmo uma coluna, “Praias e Caldas”, onde se forneciam ao leitor listas nominais de quem chegava e partia.

Os pequenos burgueses ficavam-se por Linda-a-Pastorosa, Belas ou Canecas, sítios aprazíveis, de belas quintas muradas e aldeias lavadas, com bons ares, boa luz, bons alimentos. Quem não alugaria a casa que a 18 de julho o Diário Popular anunciava: “Aluga-se fora as portas, mas próximas de Arroios, sítio saudável, tem água da Campanhia, excelente escada, 9 compartimentos muito limpos e espaçosos, incluindo despensa e quarto para criado, passam-lhe à porta de 1/2 em 1/2 hora carro Ripert e outros. Renda até ao final do ano: 50 000\$00” ?

Entalados entre os ricos e os pobres, estes pequeno-burgueses dividiam-se nos seus hábitos, comportamentos políticos e cultura. Os mais ambiciosos tentavam imitar o estilo de vida aristocrático, enquanto as camadas inferiores, que não podiam acalentar tais ambições, se consumiam num ressentimento social que aumentava com a crise econômica e com a prolongada marginalização. Em 1886, muitos estavam já descrentes de que o regime monárquico lhes desse o que pretendiam: consideração social e participação política. Alguns começaram a aderir ao movimento republicano que exprimia maravilhosamente o seu ódio aos privilégios sociais.

Os jornais populares espelham a sua visão do mundo. O contraste entre a vida dos ricos e dos pobres é celebrado até a exaustão: de um lado a família burguesa, envolta com sedas e arminhos; do outro, a pobre, tiritando de frio e fome. Centenas de poemas e folhetins pequeno-burgueses denunciam a miséria, atacam os ricos e troçam dos padres: é o grande fresco dos humilhados e ofendidos, a retórica lacrimante tão apreciada em reuniões populares. Os títulos destes poemas, “Contrastes”,

“A Miséria”, “A Prostituta”, “O Desgraçado”, são indicativos do conteúdo. Cesário Verde faz parte desta tradição: o que distingue é o gênio.

A influência da Igreja na sociedade portuguesa era considerável [...]. Nesse domingo de julho, os católicos tinham uma escolha variada: na Igreja S. José, como em tantas outras, havia a primeira comunhão de meninos, seguida de missa [...]. Na Igreja dos Anjos, realizava-se a novena ao Coração de Jesus e, nas Chagas, ensino de doutrina, ladainha e benção. Alguns resistiam heroicamente a estas influências: em tribunal, o caldeireiro de ferro, Paulo Rodrigues do Amaral, recusara-se na antevéspera, a prestar juramento sobre os evangelhos, alegando que era ateu. Por seu lado, a “Associação Anti-Jesuítica” andava muito atarefada com o seu projecto de criação de um colégio de meninas que lhes ministrasse os conhecimentos necessários para as colocar “ao abrigo das tentações e sedução jesuíticas” [...]

Quem, a 19 de julho de 1886, abrisse, de manhã a janela, perceberia que o dia iria estar quente. No norte trovejara, mas nos arrabaldes da capital, entre as ribeiras e os montes, o clima estava ameno. Nos pomares, cantavam os pintarroxos, nos prados as vacas leiteiras pastavam pachorrentamente e, entre pedregulhos luzidios, as mulheres saloias preparavam-se para levar as últimas peças de roupas que, no dia seguinte, teriam de entregar nas casas ricas da capital. Famílias aperaltadas para a missa dominical. O silêncio era apenas entrecortado pelas chocas da manada e pelos carros de bois que desciam do outeiro. Foi no meio deste esplendor que, às 5 h. da manhã, com os pulmões destruídos pela tuberculose, “sem querer, aflito e atônito”, morreu Joaquim Cesário Verde. Tinha 31 anos e vira chegar o fim “como um medonho mouro”.

Resumo: MÔNICA, Maria Filomena. O dia em que Cesário Verde morreu. (excerto). In: LOPES, Rita de Sousa. *Para uma leitura de Cesário Verde*. Lisboa : Editora Presença, 2000.

A autora toma como referência o dia da morte de Cesário Verde para traçar um painel da cidade de Lisboa, quando da implantação das inovações tecnológicas do final do século XIX que muito lentamente vão substituindo as antigas práticas. Lisboa passa então a ser descrita a partir dos traços dos grupos sociais que ali habitam e das atividades que realizam, dos hábitos, costumes e atitudes frente às transformações impostas pelo capitalismo. Para tanto, a autora descreve a precariedade dos serviços de saneamento, a falta de higiene, de lei, de condições de sobrevivência e de caridade que atinge a maioria de miseráveis e estabelece um contraste com a vida dos ricos que, indiferentes a toda injustiça social, acreditavam que a situação fazia parte da ordem natural das coisas e acabavam gozando dos melhores frutos da terra. A autora aponta a instrução da

população de Portugal como uma das mais baixas da Europa e sugerindo a cotradução existente entre os princípios liberais e a instrução do povo.

Resumo crítico – é o que todos conhecem como resenha: é redigido por especialistas e apresenta a análise crítica acerca do conteúdo de um documento. No caso de se estar produzindo um resumo crítico referente a uma edição específica de um livro que foi objeto de várias edições, este deverá ser denominado de recensão. A resenha é um texto muito solicitado nos cursos de graduação e por essa razão, aquele que escreve tem, normalmente como interlocutor o professor, que naturalmente conhece o livro que deve ser resenhado pelo aluno.



ATIVIDADES

1. Leia o resumo de Livia Suassuna e procure caracterizá-lo nos seus aspectos gerais.



2. Faça o resumo do artigo *O Palavrão: formas de abrandamento*, de Antonio José Sandman, que se encontra na aula 10.

CONCLUSÃO

O gênero resumo pode aparecer com características específicas, no caso do gênero acadêmico (especialmente aqueles que acompanham trabalhos acadêmicos), mas também pode aparecer sem essas características e ainda assim ser resumo. A atividade de resumir textos é essencial para aqueles que precisam organizar informações diversas e representá-las de modo coerente com a proposta de sentido do autor do texto. Resumir um texto é uma forma de representar a compreensão do texto lido.

RESUMO

Resumir é antes de tudo uma atividade de retextualização de um gênero escrito para um novo texto no gênero resumo, preservando o significado geral do texto que originou o resumo. Para resumir um texto é necessário compreendê-lo na sua totalidade o que exige do leitor uma análise do seu vocabulário, da estrutura sintática e do conteúdo semântico e da hierarquização das idéias. As idéias básicas devem ser apresentadas na mesma ordem do texto a resumir, atentando para a não reprodução das características estilísticas do autor do texto.



PRÓXIMA AULA

Você poderá utilizar o resumo, não como gênero, mas como estratégia de organização de um outro gênero: a resenha, que como quer a ABNT é um resumo crítico.



REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: resumos: apresentação. Rio de Janeiro. 2003a. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

GOMES, Henriette F; LOSE, Alícia D. **Documentos científicos**: orientação para elaboração de trabalhos acadêmicos. Salvador: Edições São Bento, 2007.

MACHADO, Anna R. M.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Eliane S. **Resumo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, J. Roberto D; PAGNAN, C Leopoldo – **Prática de textos:** leitura e redação. São Paulo: W3 Editora, 2001.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como se faz um trabalho escolar:** da escolha de um tema à composição do texto. Lisboa: Presença, 1986.

_____. **Como escrever textos**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.